

Florestan Fernandes: o sociólogo militante

VLADIMIR SACCHETTA

TIVE O PRIVILÉGIO DE SER HERDEIRO de uma amizade nascida em 1943, quando meu pai, o jornalista Hermínio Sacchetta, travou conhecimento com um jovem brilhante, aluno da Faculdade de Filosofia, que passou a freqüentar a redação da *Folha da Manhã*. Com a convivência, além de tornar-se colaborador regular do jornal, Florestan Fernandes foi cooptado por Sacchetta para a militância clandestina no Partido Socialista Revolucionário. Naquela pequena organização trotskista, verdadeira microuniversidade, como lembrava Florestan, abriram-se outros horizontes, responsabilidades e esperanças. Se a ditadura Vargas era seu alvo imediato, a revolução proletária começava a se desenhar como um objetivo essencial e permanente.

Com o passar do tempo, encargos intelectuais, discentes e depois docentes, foram exigindo uma dedicação cada vez maior. Diminuía sua disponibilidade para a ação política, o que criava problemas de consciência no militante devoto e leal. Nesse momento, segundo recordava com muito carinho, foi aconselhado por Sacchetta a optar pelo trabalho na universidade, em tempo integral, onde poderia ser mais útil ao movimento socialista.

Florestan Fernandes fez nos anos 80 o caminho inverso e retornou à militância orgânica, dessa vez no Partido dos Trabalhadores. O Florestan que emergiu aí – e pude testemunhar muito de perto esse marco em seu percurso, acompanhando-o até o final – não era mais aquele jovem dividido diante de duas opções, o PSR ou a Universidade. Tornara-se um homem-síntese, ainda mais radical que, aliando teoria à prática, personificava a ciência como instrumento transformador.

Antonio Candido, muito mais que um amigo de Florestan, distingue três momentos predominantes em sua trajetória: o primeiro, que se situa nos anos 40 – o momento do *conhecimento* – é o da construção do saber, em que Florestan constrói o seu e a possibilidade de saber dos outros; o segundo, nos anos 50 – o momento da *pesquisa aplicada* – é o da paixão pela aplicação do saber ao mundo e à sua compreensão; e o terceiro, a partir dos anos 60 – o momento do *combate*, o do saber transformado em arma.



Florestan discursa durante reunião do Partido dos Trabalhadores

É, portanto, a essas três etapas que ousou acrescentar uma quarta: o da *radicalização plena*, em que o cientista social, educador e pensador, assume a identidade de tribuno e publicista.

Desde os anos 40, Florestan sempre esteve ligado aos movimentos sociais e reivindicatórios, legais ou ilegais, às organizações políticas de esquerda, clandestinas ou não. Cerrou fileiras ao lado de portugueses e espanhóis antifascistas, fez agitação e propaganda em campanhas memoráveis, como a da Escola Pública, trabalhou com o movimento negro.

Pagou um alto preço por isso. Foi preso após o golpe militar em 64, acabou afastado da Universidade cinco anos depois. Partiu para o exílio e, lá fora, continuou a fustigar a ditadura em *meetings* de protesto ou através de conferências. Retornou ao país e recusou-se a solicitar sua reintegração à USP, de onde não pedira para sair. Voltou a este *campus* pela porta do Diretório Central dos Estudantes com um curso sobre Cuba e sua revolução.

Percorrendo-se sua obra é possível perceber no livro *Nova República?*, editado em 1986, o último trabalho de cunho ensaístico. A partir dali, topamos com uma série de coletâneas de artigos de imprensa – só na *Folha de S. Paulo* foram mais de trezentas colunas na página 2, entre 1989 e 1995 – que revelam um publicista vigoroso, agudo, implacável e coerente. Cumpriu uma pauta de questões candentes, tratando dos assuntos mais variados. Aperfeiçoou seu estilo e, com a humildade dos grandes homens, o velho professor despiu-se dos vezos da academia para tentar falar uma linguagem mais próxima do povo. Dos *de baixo*, como dizia.

Filiado ao Partido dos Trabalhadores, Florestan tornou-se deputado federal constituinte em 1986. Seria reeleito em 1990. Nas campanhas, paupérrimas em recursos financeiros, reuniam-se, sob sua inspiração aglutinadora, as mais diversas tendências do arco ideológico de esquerda. Irmanadas em torno de um mesmo sonho: o da construção de uma sociedade nova, com igualdade e, principalmente, felicidade, como frisava Florestan. *Contra as idéias da força, a força das idéias*, foi o mote da campanha em 86. *Sem medo de ser socialista*, a palavra de ordem em 1990.

Assumiu a atividade parlamentar numa perspectiva da oposição de esquerda e procurou defender convicções socialistas durante todo o período em que desempenhou os dois mandatos que lhe foram conferidos. Como sociólogo militante, nunca perdeu de vista a busca de transformações profundas para o país. Na Comissão de Educação logrou fazer o que foi possível em favor do projeto pelo qual sempre lutou: expandir, modernizar e, em especial, fortalecer a escola pública. Participou ativamente da elaboração da Lei de Diretrizes e Bases, à qual procurou dar o máximo de si.

Referência para todo o campo da esquerda petista, nunca se ligou a qualquer tendência interna do partido, dialogando com todas elas, principalmente as comprometidas com o socialismo revolucionário. Colaborava, ao mesmo tempo e de forma generosa, com outros partidos e organizações de esquerda, do país e de fora dele.

Militante fiel e disciplinado, aceitava algumas tarefas partidárias de forma crítica, sem jamais deixar de manifestar suas posições, em geral à esquerda da direção. Preocupava-se com os rumos do PT – ou a falta deles – em especial com a ausência de um conteúdo programático de caráter marcadamente socialista. Apontava os perigos da *política profissional*, do excesso de institucionalização, da burocratização. Conquistar o poder ou simplesmente ocupá-lo? Ser um partido da ordem ou colocar-se contra ela? Estas eram as grandes indagações de Florestan Fernandes com relação ao Partido dos Trabalhadores.

A natureza selvagem do filho de uma imigrante portuguesa explica sua postura e sua personalidade forte, ao mesmo tempo independente e rebelde. Cresceu entre os excluídos – sua maior escola de aprendizado sociológico, como dizia – e nunca perdeu a perspectiva de classe. Nem a crença no socialismo.

Bastante debilitado, driblou a doença até onde pôde. Transformava dor em indignação. Para sobreviver, lutou com a mesma garra daquele menino vindo da ralé, e a convicção de alguém que ainda tinha muitas tarefas a cumprir. Morreu seis dias após ter enfrentado, com a coragem que era sua marca, um discutível transplante de fígado, talvez a cirurgia mais violenta e agressiva a que um ser humano possa ser submetido.

Em nome de sua família, de seus amigos e de seus companheiros, aproveitou a oportunidade desta homenagem para, na presença do magnífico reitor da Universidade de São Paulo, solicitar ao diretor da Faculdade de Medicina que leve à Congregação o debate sobre as questões médicas, éticas e morais que a operação envolveu. Que o caso possa trazer subsídios à pesquisa no país – em que Florestan acreditava e tanto prestigiou – aprimorando técnicas e procedimentos, democratizando a própria instituição e as relações médico-paciente. E que sua morte não tenha sido em vão. Afinal, Florestan Fernandes era, fundamentalmente, um educador.

Vladimir Sacchetta é jornalista e produtor cultural. Companheiro e amigo de Florestan Fernandes, integrou seu gabinete durante o segundo mandato na qualidade de assessor parlamentar

Palestra feita pelo autor, em nome da família do homenageado, no Ato *Presença de Florestan Fernandes*, organizado pelo Instituto de Estudos Avançados na Sala do Conselho Universitário da USP em 5 de outubro de 1995.